
DA TEORIA DA HISTÓRIA A HISTÓRIA DA TEORIA: A TOTALIDADE DO TRABALHO NA DIALÉTICA MARXISTA

TEORÍA DE LA HISTORIA EN LA HISTORIA DE LA TEORÍA: LA CENTRALIDAD DEL TRABAJO EN LA DIALÉCTICA MARXISTA

THEORY OF HISTORY THE HISTORY OF THEORY: THE WORK COMPLETELY IN MARXIST DIALECTICS

Àlcio Crisóstomo Magalhães¹

Resumo: O que aparentemente pode ser confundido como um conceito entre tantos outros da vasta epistemologia marxista corresponde à categoria central do Método correto. É essa a tese que se esboça nessa reflexão acerca da categoria trabalho. Portanto, trata-se do esforço de demonstrar como a teoria da história fora fundamental para a síntese construída por Marx ao compreender o homem como totalidade histórica, o processo produtivo como motor da vida coletiva, o modo de produção capitalista como a contradição em processo e a práxis como o fundante do materialismo dialético (teoria da sociedade). Nesse sentido busca-se no itinerário da dialética materialista elementos que permitam entender como Marx arranca da realidade a categoria trabalho.

Palavras Chaves: Trabalho, Materialismo dialético, teoria.

Resumem: Lo que puede parecer ser confundido como un concepto entre muchos otros de la gran epistemología marxista corresponde a la categoría central del método correcto . Esta es la tesis que describe esta reflexión en la categoría de trabajo . Por lo tanto , es el esfuerzo para demostrar cómo la teoría de la historia era esencial para la síntesis construída por Marx para entender al hombre como un todo histórico , el proceso de producción como fuerza motriz de la vida colectiva , el modo de producción capitalista como una contradicción en proceso y la praxis como la fundación del materialismo dialéctico (teoría de la sociedad) . En este sentido se busca en el itinerario de los elementos materialistas dialécticos para entender cómo Marx parte de la realidad de la categoría de trabajo.

Palabras clave: Trabajo, Materialismo dialéctico, Teoría.

Abstract: What may appear to be confused as a concept among many others of the vast Marxist epistemology corresponds to the central category of the correct method . This is the thesis that outlines this reflection on the work category. Therefore , it is the effort to demonstrate how the theory of history was essential for the synthesis built by Marx to understand man as a historical whole , the production process as a driving force of collective life, the capitalist mode of production as a contradiction in process and praxis as the founding of dialectical materialism (theory of society) . In this sense it is sought in the itinerary of the materialist dialectic elements to understand how Marx starts from reality the work category.

Keywords: Work, Dialectical Materialism, Theory.

Quando o primeiro homem pôs-se em movimento nem de longe sabia que estava fazendo a história. Contudo, embora desconhecesse, estava realizando-a. Evidentemente não o fazia por deleite, para a simples ocupação do tempo livre, por mero altruísmo ou pelo fato de ter tomado uma consciência isolada, inspirado-se. Sua marcha era orientada fundamentalmente por uma questão de sobrevivência, pela necessidade de satisfação das necessidades materiais de existência. Ainda que não soubesse o homem mais primitivo já reproduzia, em sua luta pela produção da vida, as ações que lhe projetariam como ser em

busca da eternidade. Afinal de contas essa era a única possibilidade de imortalizar-se, de livrar-se do fardo de estar sempre recomeçando ou criando a partir do nada.

À medida que vai sendo desafiado a sobreviver o homem vai também abandonando o sedentarismo e adentrando no universo de relações. Dito de outro modo vai sendo empurrado para a vida comunitária, para uma condição de dependência mútua. As primeiras formas de organização dos indivíduos em grupos de atividades nômades, posteriormente a fixação destes em núcleos comunais que viriam a se constituir mais à diante em sociedades estamentais e corporações de ofício, a complexificação promovida pelo fenômeno da urbanização da população, da separação nítida entre produção e comércio, pelo apartamento entre o sujeito e a posse dos meios de produção e a divisão desses em classes, dão a medida do quanto a associação vai tornando-se condição de sobrevivência e traço definidor da condição humana. Ao longo desse percurso histórico o homem vai revelando um traço *sui generis* de sua condição em relação às demais espécies. “Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo sua própria natureza e a si próprio como indivíduo dessa natureza” (MARX, 1988, p. 142)

Por assim dizer, o indivíduo em movimento torna-se a expressão de um *continuum* que distintamente dos demais seres vivos, muito mais que repetição, gesto mecânico com fim em si mesmo, é fundamentalmente criação, ou melhor, auto-criação. Ou seja, ao mover-se estabelece relações necessárias à satisfação de suas necessidades materiais e ao fazê-lo constitui-se em memória, converte-se a si mesmo, enquanto ser coletivo, em legado. Portanto, ao dar sentido à sua força produtiva promove o encadeamento recíproco de todos os fenômenos históricos e sociais. Diante do desafio da sobrevivência produz um movimento concreto, transformador, complexo e contínuo que emerge de uma carência subjetiva e coletiva (comunicação, sentimento, fome, sede, conflito, etc) que se objetiva no sujeito (fala, amor, comida, bebida, dominação, etc) e que se converte em uma nova forma de subjetivação (linguagem, obra de arte, pão, água, armas, etc).

Ao perceber o homem fazendo-se, desfazendo-se e refazendo-se nesse movimento Marx problematizou acerca de como a espécie humana nesse ciclo de autoconstrução se notabilizaria como ser coletivo ou como humanidade. Por assim dizer, indagou-se acerca de como se daria esse processo de transformação. Em outros termos, questionou como o ser transporia os limites do espaço/tempo para constituir-se em sujeito universal. Movido por esse incômodo foi à história em busca de respostas. Nessa ação retrospectiva encontrou o homem em intenso movimento, deslocando-se por terra, água, ar e imaginação. Descobriu-o em um hercúleo esforço para matar sua fome, saciar sua sede, abrigar-se, proteger-se dos predadores, das doenças e da finitude da vida. Identificou-o estabelecendo diálogo com seus pares, comunicando-se com seus entes mortos, ampliando as possibilidades de troca, equacionando distâncias, comemorando os grandes feitos, lamentando os fracassos, exaltando deuses, exorcizando demônios, recebendo as gerações vindouras, despedindo-se e honrando as antigas, registrando seu presente de modo a conservar seu passado e preparar seu futuro. Assim, viu um ser fazendo-se. “Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material (...) O

que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o *que* eles produzem quanto com a maneira *como* produzem”. (MARX E ENGELS, 2007, p. 11)

Nesse processo verificou uma comunicação curiosa, um intercâmbio contínuo do homem com seus pares, fossem eles mais próximos, fossem mais afastados, fossem eles contemporâneos, fossem eles de momentos históricos distintos. Diante dessa constatação Marx colocou-se, então, em questão. O que será que estava por trás desse diálogo? Como será que isso se processava? Qual o traço de unidade que permitiria a indivíduos próximos ou distantes se entenderem? Mobilizado por tal problemática (conhecer) o autor partiu em busca da teoria da sociedade (história) para elaborar a história de sua teoria. Dar cabo a tais interrogações lhe permitiria conhecer a odisséia humana em busca da humanidade e, por assim dizer, desvendar a universalidade da ação dos homens na particularidade das relações de produção da vida material.

Tributário da tradição iluminista, Marx, em certo sentido, tomou a assertiva kantiana como ponto de partida de sua jornada.

Que, porém, um público se esclareça [*aufkläre*] a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso, se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável. (...) Se for feita então a pergunta: "vivemos agora uma época esclarecida [*aufgeklärten*]?", a resposta será: "não, vivemos em uma época de esclarecimento [*Aufklärung*]". Falta ainda muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento. Somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento [*Aufklärung*] geral ou à saída deles, homens, de sua minoridade, da qual são culpados (KANT, 2005, p. 2)

Essa seria a elaboração paradigmática para o início do itinerário que Marx precisava percorrer. Se a partir de Kant todo ser humano, como sujeito dotado da capacidade de pensar, teria o poder de fazer-se, ou seja, de emancipar-se pelo uso da razão, então, era desse pressuposto teórico que Marx partiria. Ter a liberdade para racionar e a coragem para fazê-lo seria o suficiente para que todos pudessem iluminar-se, fazerem-se autônomos ou conforme o próprio Kant atingirem a maioridade. Nesse raciocínio, que em certo sentido pode ser entendido como herdeiro do *cogitum* cartesiano, Marx encontrara uma pista significativa para compreender a universalidade do movimento humano ou o fio condutor do diálogo entre os homens. Só a espécie humana, a única dotada da capacidade de pensar, poderia dar sentido e significado (reelaborar ao infinito) qualquer que fosse sua ação.

O problema desse pressuposto kantiano é que o ser humano fora transformado exclusivamente em uma ação mental e o sujeito convertido a produto de si mesmo, o resultado de seu pensamento isolado. Agora, além de notabilizar-se por sua ação mental a espécie também poderia organiza-se segundo as coisas da lógica, em seres de pensamento e seres da recusa intelectual. Os primeiros com direito de tutela sobre os segundos, que por sua covardia, deveriam contentar-se com a sujeição.

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (naturaliter maiorenses), continuem, no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. (KANT, 2005, p. 1)

Desse modo dá-se à luz a um ser impar com potencial para se emancipar, contudo sua maioria tornara-se questão de esforço pessoal. Todos poderiam, mas aqueles que se recusassem permaneceriam na menoridade ou na “desrazão”. Todos em potencial seriam iguais, contudo aqueles que se entregassem mais à tarefa reflexiva seriam mais iguais que os demais. A auto-realização tornara-se algo do mundo das idéias, uma questão de liberdade individual e os homens tornaram-se seres cindidos. O grande senão desse entendimento é que quando fora sujeitado ao giro da história, o único critério de verdade para Marx, ele não se validara. A realidade concreta que vinha sendo criada a milhões de anos não confirmava essa tese. Pelo contrário, revelava que transformar-se em senhor ou servo, cidadão ou escravo, filósofo ou ignorante nem de longe se tratava de boa ou má vontade. Na verdade a condição de cada ser no processo produtivo é que era a definidora das possibilidades do indivíduo tornar-se. “A natureza dos indivíduos, portanto, depende das condições materiais determinantes de sua produção” (MARX, 1991, p. 113).

Prova disso é o fato de que para que o cidadão pudesse ocupar-se da tarefa de dialogar e os filósofos da tarefa de pensar, seria necessário que uma parcela muito grande de não-cidadãos se ocupasse de atividades banais, mas simplesmente imprescindíveis para a reprodução da vida coletiva.

A produção das idéias, das representações e da consciência está a princípio ligada, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens aparecem aqui ainda como a emanção direta de seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual tal como se apresenta na linguagem da política, na das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc de todo um povo (MARX E ENGELS, 1984, p. 19)

Diante dessa negativa do concreto a problemática marxista continuava em aberto. Kant lhe permitia avançar em sua inquietação, porém não resolvia sua questão. Não se tinha mais dúvidas quanto a relevância do pensamento para a ação transformadora humana, todavia, além desse potencial elaborativo não ser suficiente sozinho, tinha-se ainda o problema da recusa histórica à tese da boa e má vontade intelectual. Sendo assim para que pudesse manter-se na rota correta da procura que fazia, Marx seria obrigado, em certo sentido, a abandonar a assertiva kantiana e seguir em outra direção. O homem que produzia o movimento que ele buscava explicar além de não ser parcial, também não deixava de realizar apenas por preguiça ou covardia. O sujeito da ação que mobilizava Marx além de concreto (histórico) era completo. Mesmos nos inúmeros momentos em que fora barrado em sua capacidade de pensar, revelara coragem de se emancipar. Fizera isso ao rebelar-se e produzir as condições favoráveis para a ruína do todo poderoso Império Romano. Ao recusar-se à submissão da exploração escrava e servil. Ao dizer não à tirania e a ganância da aristocracia feudal e até dos “enviados Divinos”. Ao produzir grandes movimentos de revolta política em prol da condição humana. Ao criar um vigoroso processo produtivo que viria em um curtíssimo intervalo de tempo integrar praticamente todo o mundo a uma mesma lógica de produção e de reprodução da vida.

Movido, então pela necessidade de prosseguir em seu itinerário investigativo Marx encontra em Hegel uma possibilidade para esse homem completo que a interpretação kantiana não permitia apreender. Não por coincidência esta era uma questão a que também se colocara Hegel. É bem

verdade que movido por outro ideal. Seu esforço visava construir um método próprio para a filosofia. Entendia que o fato desta ter sido fortemente influenciada pela concepção de ciência positiva da Era Moderna, ou seja, pela fé na experiência terrena pura (autonomia da razão e verdade da realidade concreta) causava um grande problema epistemológico, uma vez que a ciência não poderia reduzir-se a mera descrição da experiência aparente, concreta e particular. Isso produziria um experimentalismo sem conceito, portanto, a decretação da morte do pensamento filosófico. Por este motivo, Hegel, partindo da crítica da crítica à razão pura de Kant², concordou que o ser humano realiza uma atividade mental constante que o permite conhecer/emancipar-se. Contudo, percebeu também que esse conhecimento só se revelaria ao pensamento quando projetado em um outro ser criado pela ação do espírito humano. Ou seja, concluiu que para iluminar-se a mente necessitaria do Outro, o ser concreto pensado, mas materializado. Desse modo qualquer ação humana seria produto do movimento do pensamento, contudo, este só seria possível mediante da existência do outro³.

Pela mediação dessa grande elaboração Hegel concluiu que o homem desenvolve uma poderosa atividade mental que lhe permitiria conhecer o mundo próximo visível e nesse movimento também poderia conhecer a si mesmo. Assim o ser em si, refletido no outro, se tornaria um ser para si. A partir desse avanço hegeliano em relação à tese do pensamento auto-suficiente de Kant, Marx depara-se com a possibilidade concreta de dar cabo à sua problemática. Então se o homem se faz na história pelo esforço do pensamento e, se este pensar seria o produto da transcendência do espírito humano a partir de um objeto material qualquer tudo levava a crer que a questão marxiana, ou o “como” da ação humana (comunicação) estaria se resolvendo. A resposta definitiva estaria em Hegel. Em sua interlocução com Kant teria descoberto que todo o movimento criador humano corresponderia a uma atividade intelectual individual intensa, que se verificaria na realidade e posteriormente se realizaria em fim na mente. Portanto, reelaborando a idéia de esforço mental em Kant, Hegel identifica o pensamento como ação transformadora e criadora uma concepção de trabalho. “Para tornar-se propriamente saber, ou para produzir o elemento da ciência que é o seu conceito puro, o saber deve percorrer trabalhosa e um longo caminho” (HEGEL, 1974, p. 23) O que em certo sentido correspondia à conversão da realidade a reflexo do espírito, ou seja, a redução da prática a exercício de experimentação do pensamento e ao entendimento de que a tomada da consciência seria o artifício de determinação e organização da vida. O que em outros termos corresponde à idealização da ação mental isolada refletida no mundo material como a grande criadora de tudo.

Assim sendo caberia agora sujeitar também a fenomenologia hegeliana ao movimento da história. Era o que faltava para confirmar se essa era de fato a verdade única acerca do “como” o homem se movimenta (comunica) em busca de fazer-se. Por assim dizer, novamente a essa tarefa Marx se pôs. Afinal de contas se a materialidade dos fatos confirmasse a tese de Hegel, a inquietação marxista estaria resolvida. Isso porque o ser humano que já havia se evidenciado como concretude (histórico), agora era apresentado como totalidade autônoma, ou seja, produto de seu próprio trabalho que não seria outra coisa senão a realização do pensamento em um ser pleno. Dito desse modo a realização da tarefa de Marx poderia estar resolvida caso Hegel resistisse ao teste da sujeição de sua teoria à própria

fenomenologia, no caso aquilo que o hegelianismo entendia como realidade. Marx fez isso e logo de saída percebera o grande problema. A *fenomenologia do espírito* esbarrava em si mesma, ou seja, naquilo que Hegel definira como a própria história. Marx descobrira uma inversão produzida pela idéia hegeliana.

Para Hegel, o processo de pensamento, - que ele quer transformar em sujeito autônomo sob o nome de idéia, - é que é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim ao contrário, o ideal não é mais que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado. (MARX, 1982, p. 16)

Então, o real deixara de ser o concreto interpretado pelo pensamento e tornara-se o pensamento em si. Marx foi àquilo que considerava o equívoco de Feurbach para mostrar a dificuldade epistemológica produzida por essa inversão idealista. Procurando provar a centralidade da realidade concreta na produção da vida Feuerbach vai buscar o materialismo no limite da abstração humana. Ou seja, foi ao estudo do cristianismo para provar que tudo que diz respeito aos homens tem sua raiz no próprio homem ou na matéria. Movido por essa idéia o autor saiu em busca de Deus. Nessa procura concluiu que este não seria mais que uma ética, um ideal humano. “O que é Deus para o homem é o seu espírito, a sua alma. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa” (FEUERBACH, 1988, p. 55).

De acordo com Feuerbach a religião cristã seria o encontro do homem com Deus, no caso consigo mesmo, não o ser individual, pecador, miserável e falível, mas o sujeito coletivo universal em toda sua essência, ou seja, ideal. O ente tomado pela consciência que não seria outra coisa senão o bem supremo. “Tudo que tem o homem o significado do ser em si, tudo que é para ele o ente supremo, tudo aquilo acima do que ele não pode conceber nada mais elevado, tudo isso é para ele exatamente a essência divina” (FEUERBACH, 1988, p. 59). Deus seria a criação humana para a realização do homem em sua plenitude. Adorá-lo seria contemplar a essência humana boa. Assim o próprio homem seria o segredo da religião, a objetivação de uma idéia de ser perfeito. “Quanto mais vazia for a vida, tanto mais rico, mais concreto será o Deus.” (FEUERBACH, 1988, p. 117). Diante de suas grandes privações o homem teria criado uma possibilidade infalível, capaz de suplantar até mesmo a morte, sua maior carência.

A grande questão nessa elaboração é que apesar de fazer a crítica do idealismo de Hegel, Feuerbach movimentava com as idéias tal qual idealizara Hegel. Produziu um belo movimento mental acerca da religião, contudo não conseguiu submeter sua criação à materialidade (história). Seu pensamento continuou sendo a expressão de um mundo criado nas idéias e sem interlocução com o real. Uma elaboração muito bem costurada, mas que não conseguiu fazer-se na história.

De acordo com assertiva hegeliana, Feuerbach, por seu esforço no trato com as idéias seria um exímio trabalhador. Desse modo, ainda que em tese reivindicasse a história como a grande mediação da relação homem/natureza, o que fazia de fato era proclamar o pensamento como o grande criador do mundo. Do mesmo que entende que o homem cria um Deus para o homem, (no caso a religião), Feuerbach influenciado pela inversão elaborada por Hegel criou um pensamento (criatura) que acabara por converter-se em criador do homem, no caso o próprio Feuerbach.

Desse modo Marx percebera que se por um lado Hegel produzira uma grande elaboração ao articular pensamento e movimento concreto (prática), em uma totalidade transformadora do real (trabalho), todavia, com essa mesma fenomenologia do espírito, havia inviabilizado o homem como ser coletivo e material, ou seja, como ente social e histórico. Assim sendo acabara também criando uma totalidade restrita, ou um aparente de totalidade. Isso porque sua compreensão de todo não conseguia ir além de giro circular. Seu trabalho limitava-se a um movimento nascido na mente individual e direcionado a um objeto isolado no aqui, no agora e no em si. Ou, seja, o trabalho de criação, na perspectiva hegeliana convertera-se em circuito fechado, o que significa dizer que a totalidade tornara-se uma espécie de movimento circular uniforme da idéia do indivíduo e a comunicação humana tornara-se um monólogo do ser consigo mesmo.

A realidade para Hegel só existiria como reflexo do espírito humano. A esse movimento ele chamaria de materialidade. Nesse processo se fundaria a história. O ser em busca de conhecer-se sairia de si e se projetaria em um outro ser/objeto com o qual estabeleceria relações. Buscaria a si mesmo no absoluto do outro. Interrogar-se-ia tentando desvendá-lo. Assim fazendo iria à essência desse objeto. Nesse movimento mental negaria o objeto, bem como a si mesmo. Por meio dessa negação da negação tomaria consciência⁴ do objeto e retornaria a si como ser consciente do outro e do próprio EU. Assim ambos passariam a existir de fato. Ou seja, na revelação do universo próximo o indivíduo perceber-se-ia como parte de um todo, ou melhor, como uma particularidade que se faz na relação com o Outro. De acordo com Hegel nessa ação de projeção/retorno o homem tomaria consciência do mundo, e por extensão, de si mesmo. Isso porque o Eu nada mais seria que o ser em estreita relação com todos os demais objetos.

Segundo o autor esse movimento deveria ser entendido como a realização de trabalho. “O puro reconhecer-se-a-si mesmo no absoluto ser-outro, esse éter como tal, é o fundamento e o terreno da ciência ou o saber em geral.” (HEGEL, 1992, 22) A consciência elevaria o indivíduo da consciência particular, consciência para si, para a consciência universal, consciência de si. Por isso para a fenomenologia hegeliana somente o pensamento é real, somente o racional é real. Essa seria a única forma de se chegar a um conceito e por extensão, a forma de se produzir o mundo concreto. “(...) O caminho ao qual nos referimos abraçará, por meio do movimento do conceito, o mundo total da consciência na sua necessidade” (HEGEL, 1992, p. 27)

Assim o conhecimento de nenhum objeto deveria ser buscado em sua aparência, mas tão somente no conceito que só a mente seria capaz de formular. Desse modo, nem mesmo uma simples ferramenta de trabalho deveria ser interrogada a partir da necessidade material que empurrou o homem a fabricá-la. Isso porque a explicação (verdade) só poderia ser obtida se esse objeto fosse entendido como produto do espírito criador humano que em um momento de tomada de consciência, pela mediação de uma espécie de sopro racional ou iluminação, a tornaria realidade concreta.

No quadro da história empírica, esotérica, Hegel faz desenvolver-se uma história especulativa, esotérica. A história da humanidade transforma-se na história do espírito

abstrato da humanidade, de um Espírito, por conseqüência, transcendente ao homem real. (MARX E ENGELS, S/D, p. 86)

Sua existência concreta não teria importância uma vez que isso nada mais seria que a objetivação do espírito, esse sim o que realmente deveria ser considerado. “Só o espírito é verdade. Só enquanto espiritualidade existe o que existe. Tudo quanto provém do espírito é superior ao que existe na natureza” (HEGEL, 1992, p. 85-86). Nesse sentido toda a produção humana, de uma simples enxada a mais elaborada obra de arte, não passaria de reflexo do espírito criador do ser individual. “O que tem de servir de base não é o particular, não são as particularidades, não são os objetos, fenômenos, etc., particulares: é a idéia. Pela idéia, pelo universal, se deve começar em tudo (...)” (HEGEL, 1992, p. 92)

Portanto, considerando esse entrave da tese de Hegel, e por isso desde o início mostrando que essa deveria ser invertida em sua lógica, ou seja, colocada na posição correta (de pés no chão), Marx dera seqüência ao seu esforço de buscar na própria fenomenologia a validade explicativa da teoria hegeliana. Vale lembrar que até então Hegel apresentava-se à Marx como possibilidade concreta de sanar sua inquietação, ou seja, revelar o “como” da ação transformadora humana. Sendo assim, feita a ressalva da necessidade da virada interpretativa Marx continuava a seguir o itinerário teórico fenomenológico, ou seja, permanecia na tarefa de continuar sujeitando Hegel a si mesmo, no caso à própria história, uma vez que para esse a história não era outra coisa senão o pensamento individual materializado. Sendo assim, de posse da totalidade hegeliana, todavia fazendo a necessária inversão do circuito que ele concebera como trabalho, ou seja, considerando a realidade concreta como anterior ao pensamento, Marx poderia agora, de uma vez por todas dar cabo a sua problemática. Faltava muito pouco, para verificar na dialética hegeliana e finalmente desvendar aquilo que para Marx até então ainda apresentava-se como um desconhecido. Aparentemente a resposta que ele procurava poderia estar na idéia de trabalho de Hegel. Se isso fosse mesmo verdade em um último e próximo movimento o mistério estaria revelado.

Imbuído desse pensamento Marx resolvera sujeitar a concepção elaborada por Hegel à realidade histórica na qual o trabalho apresentava-se em sua forma mais elaborada. Não por acaso Marx tomara essa decisão. Era preciso verificar a tese hegeliana do trabalho na fase histórica em que este atingira seu ápice como idéia e tornara-se objeto material concreto. Por assim dizer o tempo histórico não poderia ser outro senão a Era Moderna. Ou seja, o contexto no qual o pensamento acerca do trabalho ganhou a centralidade, tornou-se consenso, converteu-se em realidade de fato e virou ideal humano, princípio de excelência e catalisador da história.

Sendo assim, Marx não poderia fazer outra coisa, e de fato não fez, senão verificar a tese hegeliana na particularidade do modo de produção capitalista. Marx, ainda não sabia, mas aí estaria ao mesmo tempo o grande limite da fenomenologia do espírito, bem como a resposta para sua grande inquietação. Bem ali, na contradição estrutural produzida no estágio mais evoluído do homem em suas relações de produção estaria a negação da negativa hegeliana e curiosamente a solução do enigma marxista, ou seja, o “como” do processo de auto-transformação do indivíduo em totalidade histórica, sujeito coletivo, humanidade.

Seguindo o pensamento de Hegel, Marx projetou-se no objeto imediato mais próximo de seus olhos, no caso a mercadoria, para tentar identificar-se como sujeito. Para sua grande surpresa, com esse movimento, não só não conseguira perceber a si naquele outro como também descobrira que aquele mesmo objeto sequer revelava o que de fato era, ou seja, além de não permitir auto-identificação ainda não passava de um grande aparente, ou uma ilusão real. Assim sendo, ao deparar-se com uma das formas de pensamento concreto do modo de produção capitalista Marx viu-o materializado sob a forma de produto com valor de troca, não pertencente ao indivíduo que o elaborou, por isso estranho ou alheio a ele, incapaz de satisfazer-lhe de modo imediato, e, o que é pior, obstaculizador da possibilidade de comunicação entre os homens. Portanto, Marx ao se projetar no objeto mais concreto do sistema produtivo capitalista percebeu que nessa matriz produtiva aquilo que Hegel identificara como trabalho não se realizava. Nesse particular histórico o homem continuava produzindo, contudo o resultado de sua ação correspondia ao cerceamento da liberdade individual, bem como à expressão de sua impossibilidade de auto-reconhecimento. Nesse sentido o movimento humano àquele momento revelava-se como não trabalho ou como uma verdadeira negativa da condição humana. Marx não inventara, arrancara isso do movimento da história.

Inicialmente esse processo se revelara facilmente na estratégia primeira de “convencimento” promovida nos primórdios da Revolução Industrial na Inglaterra. Seja de forma direta:

Os mendigos sem permissão e maiores de 14 anos deverão ser severamente açoitados e marcados com ferro em brasa na orelha esquerda, se ninguém quiser tomá-los a seu serviço durante dois anos. (...) Foi assim que a população dos campos, violentamente expropriada e reduzida à vagabundagem, ficou submetida à disciplina que exige o trabalho assalariado, por leis de um terrorismo grotesco: pelo açoite, a marca com ferro em brasa, a tortura e a escravidão. (MARX, S/D, p. 62-64)

Seja de forma indireta: “Conforme demonstrou uma investigação médica oficial em 1861, pondo-se de lado circunstâncias locais, as altas taxas de mortalidade decorrem principalmente de trabalharem as mães fora de casa” (MARX, 1982, p. 453).

Posteriormente no momento em que os homens já haviam sido educados ou “convencidos”⁵ tornara-se mais difícil essa percepção. Isso porque o produto do trabalho, ao longo da complexificação dessa racionalidade produtiva tornara-se mercadoria fetichizada ou simplesmente fetiche⁶, ou seja, convertera-se em uma ilusão, real, mas falsa⁷. Passou de objeto a sujeito para homem e este, de criador tornou-se criatura para aquela. “Quanto mais o homem atribui a Deus menos guarda para si mesmo. Assim, quanto maior é o produto, mais ele [trabalhador] fica diminuído” (MARX, 2003, p. 112)

(...) Desde que os homens, não importa como, trabalhem uns para os outros, adquire o trabalho uma forma social. Aí, [quando] os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos (...), chamo a isto de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 1982, p. 80-81)

De acordo com o autor, inicialmente a separação entre o homem e suas ferramentas de produção e posteriormente a organização dessas sob a forma de maquinários e a transformação desse mesmo indivíduo em apêndice daqueles correspondem a condições chave para a produção da mais valia,

ou do dinheiro acrescido de mais trabalho (D'), ou seja, da exploração da força de trabalho de terceiros à bem da reprodução do capital.

Sendo ao mesmo tempo, processo de trabalho e processo de criar mais valia, toda produção capitalista se caracteriza por o instrumental de trabalho empregar o trabalhador e não o trabalhador empregar o instrumental de trabalho. Mas, essa inversão só se torna uma realidade técnica e palpável com a maquinaria. Ao se transformar em autômato, o instrumental se confronta com o trabalhador durante o processo de trabalho como capital, trabalho morto que domina a força de trabalho viva, a suga e exaure. (MARX, 1982, p. 483-484)

A esse processo Marx caracterizou como a conversão do trabalho social em trabalho privado, ou seja, a redução do objeto útil à mercadoria. Assim o autor descobriu que no capitalismo,

(...) o trabalho é exterior ao trabalhador, ou seja, não pertence à sua característica, portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem mas infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito". Assim (...) o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim o seu trabalho não é voluntário, mais imposto, é trabalho forçado. (MARX, 2003, p. 114)

Portanto, de ciclo em espiral complexo (subjetivação/objetivação/subjetivação), com tendência de infinito ou potencial de humanização, na particularidade do sistema de produção de capital, o movimento criativo humano fora reduzido a gesto mecânico estéril, reprodução, prática cega vazia de sentido. A lógica produtiva que instituiu o trabalho assalariado⁸ ou com valor de troca⁹ destituiu o homem da sua condição de sujeito da ação transformadora do mundo e, por conseguinte, impediu a sua realização na atividade laborativa. "A consciência que o homem tem da própria espécie altera-se por meio da alienação, de modo que a vida genérica se transforma para ele em meio" (MARX, 2003, p. 117) Desse modo entrou em xeque a própria idéia de sociedade, uma vez que se o homem se faz pelo trabalho e na sociedade capitalista o trabalho tornou-se estranhamento (alienação) ou não-trabalho (alienação), é no mínimo incoerente pensar em coletivo sem que ao menos exista a unidade. "Uma implicação imediata da alienação do homem a respeito do produto do seu trabalho, da sua vida genérica, é a alienação do homem em relação ao homem. Quando o homem se contrapõe a si mesmo, entra do mesmo modo em oposição com os outros". (MARX, 2003, p. 118)

Isso significa dizer que ao procurar o homem trabalhando na particularidade do sistema de acumulação de capital, Marx não conseguiu mais ver o trabalho como movimento espiral (totalidade aberta) de base material que transforma reciprocamente sujeito e objeto, indivíduo e sociedade, teoria e prática. Isso porque "vigiar as máquinas, atar os fios quebrados não são atividades que exijam ao operário um esforço de pensamento; contudo, por outro lado, impedem-no de ocupar o seu espírito com outra coisa." (MARX E ENGELS, 1978, p. 157). Desse modo a própria realidade revelava a Marx que nessa condição de produção também se produzia essencialmente desumanização. "Nesta inversão do sujeito no objeto e vice versa, nesta 'personificação das coisas e coisificação das pessoas' está o sentido da alienação do trabalho e, portanto da natureza humana." (MARX, 1978, p. 22).

Assim procedendo Marx descobriu a grande contradição ou de fato a dialética do trabalho. Revelou o trabalho em sua totalidade histórica. Concluiu isso ao observar que produzindo exclusivamente

para a satisfação de suas necessidades materiais imediatas o fazer humano dissocia-se de qualquer possibilidade de projeção, torna-se prática cega inibidora da capacidade de auto-realização do homem.

Na medida em que o trabalho alienado tira do homem o elemento da sua produção, rouba-lhe do mesmo modo a *sua vida genérica*, a sua objetividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, então lhe é arrebatado a natureza, o seu corpo inorgânico. (MARX, 2003, p. 117).

Isso porque na particularidade do capital o trabalho destituído de seu valor de uso torna-se entrave para a transcendência, torna-se a-histórico. “O capital, esse, começa por fazer prisioneiro o progresso histórico e coloca-o a serviço da riqueza” (MARX, 1978, p. 158) Portanto, o mesmo elemento de humanização, em dadas condições de produção, tornara-se fator de recusa do indivíduo ou de devolução da civilização à barbárie.

A propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e parciais que um objeto só é nosso quanto o temos, quando existe para nós como capital ou quando por nós é diretamente possuído, comido, bebido, transportado no corpo, habitado, etc., o melhor, quando é utilizado. Portanto, todos os sentidos físicos e intelectuais foram substituídos pela simples alienação de todos os sentidos, pelo sentido do ter. (MARX, 2003, p. 142)

Sendo assim o trabalho subsumido pelo capital tornara-se praticamente ação mecânica como a de qualquer outra espécie. Desse modo, em certo sentido, mesmo o melhor engenheiro não mais conseguiria notabilizar-se em relação à pior a abelha, se considerado que ambos estariam fadados a uma limitada ação produtora, ou seja, “a vida (...) simplesmente como meio de vida” (MARX, 2003, p. 116)

Com essa constatação apreendida na essência da realidade concreta Marx percebeu o trabalho de Hegel descolando-se da história. Portanto, o “como” da concepção hegeliana de ação criadora humana também mostrava-se insuficiente para revelar o homem movimentando-se em seu estágio produtivo mais evoluído. De acordo com a fenomenologia do espírito o homem ao projetar-se em uma máquina qualquer veria ali o movimento nascido na esfera das idéias tornado realização ou uma iluminação racional positiva. O tear a vapor e os fios tecidos por ele, por exemplo, não seriam mais que a materialização da inspiração humana ou a iluminação racional individual tornada história.

O problema é que isso não se confirmava no real. O que se evidenciava de fato era a privatização de um instrumento de produção social, criado pelo homem coletivo a partir de sua necessidade material de agasalhar-se, o que no limite correspondia à anulação da possibilidade de comunicação entre os homens, bem como à destituição do homem como sujeito do processo produtivo. “O trabalho alienado inverte a relação, uma vez que o homem, enquanto ser lúcido, transforma a sua atividade vital, o seu ser, em simples meio da sua existência” (MARX, 2003, p. 116)

A decisão dos operários de oporem-se, através de movimentos grevistas ou mesmo da quebra das máquinas, à lógica burguesa de expropriação da força de trabalho ou de impedir esse tipo de exploração eram alguns dos fortes indícios colhidos por Marx na própria realidade e que expressavam a nocividade do trabalho submetido pelo capital.¹⁰ Algo que somente pelo pensamento (dialética hegeliana) não era possível apreender. Desse modo fora possível a Marx compreender que somente pela elaboração, ou pela concepção de trabalho em Hegel (ciclo fechado idéia/objeto) não seria possível conhecer o “como” do movimento criador humano. Sua idéia de trabalho além de não apreender a

negativa deste, não conseguia revelar a grande contradição produzida por este na particularidade do capital¹¹.

Por assim dizer, no momento em que vislumbrava elaborar a partir de Hegel a resposta definitiva à sua questão, Marx descobre que não seria possível por aquele caminho. Isso porque ao tentar fazê-lo percebe que a solução de sua inquietação não estaria na mente, mas sim na realidade material concreta. Curiosamente o movimento de Hegel havia lhe “ensinado” isso. Vai a ele, assimila-o em toda sua essência (totalidade), encontra sua grande contradição (negativa) e no momento em que se poderia pensar que iria assumi-lo como movimento criador (trabalho) recusa-o por ele não apreender a realidade em sua materialidade (história), totalidade e contradição. Portanto, quando se poderia imaginar que iria tomar para si o trabalho de Hegel, Marx descobre que isso não seria possível, uma vez que este não estava no espírito isolado, mas sim na história e então é dela que com toda energia Marx arranca-o. É aí que Marx encontra o homem movimentando-se em uma espiral criadora em forma de totalidade aberta com tendência de infinito, que se torna obstaculizada pela mecânica privatista do sistema produtivo capitalista.

Assim o real acaba por revelar-lhe não só o “como” do movimento criador humano, aquilo que o autor concebera como ação social plena de sentido (práxis), mas também o trabalho como grade de compreensão do real.

Todos os mistérios que levam a teoria ao misticismo encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis. É na práxis que o homem tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade, o poder, o caráter terreno do seu pensamento”. (MARX E ENGELS, 1984, p. 15)

Isso significa dizer que Marx tomara da história o trabalho em seu sentido lato, em seu aspecto ontológico, bem como epistemológico. Com isso, trabalhando em uma lógica outra em relação ao que se vinha elaborando como trabalho, Marx pôde ver a totalidade recíproca da relação homem/natureza, sujeito/objeto, parte/todo, forma/conteúdo, teoria/prática, saber/fazer. Assim procedendo fora capaz de desvendar a ação transformadora produzida pelo homem coletivamente (práxis) e, por assim dizer, descobrira o revolucionário princípio do conhecer do sujeito coletivo, ou do homem em seu projeto de humanidade. Além de motor da realidade, ou seja, a própria história em processo, o trabalho a partir de Marx passou a ser a possibilidade de conhecimento do homem em sua totalidade e contradições.

Dessa forma Marx criara uma categoria explicativa central para um antigo desafio humano, qual seja o esforço de conhecer o indivíduo imerso na sociedade. No fluxo contínuo do concreto para a idéia e desta novamente para a realidade Marx viu o ser fazendo-se, refazendo-se, e, portanto conhecendo-se.

É exatamente na atuação sobre o mundo objetivo que o homem se manifesta como verdadeiro *ser genérico*. Esta produção é sua vida genérica ativa. Por meio dela, a natureza nasce como sua obra e a sua realidade. Em consequência o elemento do trabalho é a objetivação da vida genérica do homem: ao não se reproduzir somente intelectualmente, como na consciência, mas ativamente ele se duplica de modo real e percebe a sua própria imagem num mundo por ele criado. (MARX, 2003 p. 116).

Essa ação práxica explicou o trabalho como elemento fundante da humanidade, uma espécie de traço de unidade entre os homens (comunicação) que fora obstaculizada pela lógica de reprodução do

capital. Pela mediação desta Marx demonstrou que o pensamento ainda que submetido ao mais bem articulado movimento intelectual, a menos que sujeitado às multideterminações da realidade material, não passaria de descrição, exercício mental, uma forma de idealismo.

Esforço de síntese

Ao problematizar acerca do homem imerso na história ou na materialidade das condições de produção, Marx não inventou o trabalho, descobriu-o em aparência e essência, em outros termos fez práxis, conheceu, produziu conhecimento. Apreendeu-o como totalidade histórica, ou seja, como elemento central da mediação homem/natureza, como motor da humanidade e canal de comunicação entre os homens, do primeiro ao último. Compreendeu-o como expressão das relações sociais concretas ou como materialização das necessidades coletivas transformadas em realidade que transcende os limites de tempo e espaço. Revelou-o em toda sua extensão, inclusive em sua dialética, ou seja, em sua negativa real falseada pela racionalidade produtiva da economia capitalista que simultaneamente e contraditoriamente tornara-se elogio e negação do trabalho, portanto ideologia¹². Por um lado condição de humanização do homem, por outro, na forma assalariada, fator de alheamento, alienação e estranhamento do sujeito individual e coletivo.

Marx percebeu que na particularidade do capital o trabalho tornou-se a negação da espiral subjetivação/objetivação/subjetivação com tendência de infinito¹³, ou seja, transforma-se em negação do homem como sujeito coletivo ou como expressão da humanidade. Para o autor o modo de produção capitalista ao fazer da exploração da força de trabalho um meio para a reprodução do capital ou produção de mais valia promoveu uma ruptura nesse ciclo. Ou seja, se antes o sujeito em seu esforço de ser, estabeleceu entre si, seus pares e a natureza, uma mediação transformadora/conservadora (praxis), na particularidade do modo de produção capitalista (subsunção do trabalho ao capital), essa tendência de infinito tornou-se obstaculizada. A produção deixou de ser o modo do homem realizar-se enquanto ser e tornou-se unicamente meio de satisfação de necessidades materiais cada vez mais elementares (comer, beber, procriar e quando muito na habitação). Portanto, a exploração da força de trabalho por essa racionalidade produtiva afastou o indivíduo da condição humana e aproximou-o da condição animal, ou seja, a teoria sem prática e vice versa, o fazer destituído do conhecer e restrito apenas ao ideal de satisfação das necessidades orgânicas.¹⁴

Com essa apreensão Marx acabou também por identificar a principal lei de funcionamento da matriz produtiva capitalista, aquilo que em parceria com Engels sistematizou na chamada tese da contradição estrutural do sistema. “(...) Nos nossos dias, cada coisa vem acompanhada do seu contrário: a máquina, que possui o maravilhoso poder de abreviar o trabalho e de o tornar mais produtivo, suscita o enfraquecimento da força de trabalho ao mesmo tempo que a suga até o tutano.” (MARX E ENGELS, 1978, p. 150). Assim colocou a descoberto essa que viria a constituir-se após seus estudos em uma categoria de conhecimento, permitiu a compreensão do caráter ontológico do trabalho, ou seja, sua estreita relação com a condição humana, bem como descobriu a epistemologia da práxis (método de

conhecer). Ao combinar forma e conteúdo colocou em relação de simultaneidade recíproca e indissociabilidade fazer e saber.

Nesse sentido percebeu que o que se concebia até então como ciência ou mesmo como trabalho criador não era mais que a abertura de um abismo entre pensamento e movimento concreto, ou mesmo a dicotomização entre ambos e, por conseguinte, do próprio homem, que se transformara ou em ser de elaboração ou de realização. Com a concepção de trabalho que apreendera da realidade concreta, Marx produziu uma espécie de tamponamento de uma lacuna que tornava o homem a expressão da fragmentação e da impossibilidade de totalidade. Isso porque na Era Moderna a prática reduzira-se à uma espécie de experimentação da teoria e está à uma espécie de confirmação ou negação daquela¹⁵.

A partir de Marx ambas puderam ser compreendidas em uma relação de complementaridade, simultaneidade e reciprocidade, ou seja, como unidade. Em outros termos o trabalho que se escondia na história fora descoberto por Marx em toda sua extensão criadora (história, totalidade e contradição), como um processo contínuo, crescente e, em dadas condições, tendente ao infinito, o que no limite significa dizer que trata-se do movimento criativo com potencial de produzir a humanidade. Feita esta descoberta a teoria poderia deixar de ser entendida como a mera descrição ou a iluminação individual (idéia) criadora da prática. Do mesmo modo a prática não seria mais pensada como a mera ação mecânica expressa no gesto motor estéril ou a realização da teoria ou do pensamento. Ambas poderiam ser entendidas em sua unidade (indissociabilidade e reciprocidade), interpretadas como movimento concreto e uno do ser em seu esforço contínuo de construir e transformar (problematizar) o mundo. Em outros termos, poderiam rearticular-se como possibilidade explicativa do processo no qual o homem se percebe empurrado no presente a deslocar-se orientado por um movimento que lança raízes no passado e que projeta-se no futuro.

Desse modo entre o pensamento e a realidade, entre o primeiro e o último homem, ao invés de malabarismos idealistas, interpôs-se trabalho dotado de sentido ou a práxis necessária ao desafio de conhecer (criar/transformar). Por isso ao arrancá-los da história Marx não só elaborou uma categoria de análise da realidade, como também criou o método de estudo que reconciliou pensamento e realidade. Ou seja, pela mediação do trabalho, conforme entendimento do próprio autor, descobriu o materialismo dialético ou o método correto de apreender o homem em seu esforço de eternidade.

Não obstante todo seu engajamento, toda sua militância, certamente nesse seu trabalho, no qual faz a teoria da história converter-se na história da teoria, reside o maior potencial revolucionário de sua produção.

Referências

- FEWERBACH, LUDWIG, *A essência do cristianismo*. Campinas. SP: Papirus, 1988.
- HEGEL, G. W. F. *A fenomenologia do espírito* (PARTE I). Petrópolis: Vozes, 1992
- KANT, Immanuel, *Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"?* In: Textos Seletos, Petrópolis, Ed. Vozes, 2005.

LUKÁCS, Georg, *História e consciência de classe – estudos de dialética marxista*, Porto: Biblioteca ciência e sociedade – Publicações escorpião, 1974.

MARX, Karl, . *O capital: Capítulo VI (Inédito)*, Ed. Ciências Humanas, SP, 1978.

_____. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Difel, 1982, V. I, Tomo 2.

_____. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Difel, 1982, V. I, Tomo 1.

_____. *Salário preço e lucro*, São Paulo: 1985.

_____. *Formações econômicas pré-capitalistas*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. *Manuscritos econômicos e filosóficos*, São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. *A Origem do capital – a acumulação primitiva*, São Paulo: Global, S/D – Coleção bases 3.

MARX Karl e ENGELS Friedrich. *Crítica da educação e do ensino*, Lisboa: Moraes, editores, 1978.

_____. *A ideologia alemã*, São Paulo: Moraes, 1984.

_____. *A sagrada família ou crítica da crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores*, São Paulo: Moraes, S/D.

Notas:

¹ Doutor em educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, docente da Universidade Estadual de Goiás, Campus ESEFFEGO. Pesquisa a organização do trabalho docente tendo as categorias trabalho, ideologia e organizações culturais por fio condutor. Email: alcioeri@bol.com.br

²A consciência em Kant é a capacidade que os homens têm de emanciparem-se ou esclarecerem-se, o que nada mais seria que a tomada de consciência do mundo. “Somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento [<Aufklärung>] geral ou à saída deles, homens, de sua menoridade, da qual são culpados” (KANT, 2005, p. 2)

³De acordo com a Dialética hegeliana o sujeito sai de si e projeta-se em um objeto, nesse movimento mental, nega-se pois não se reconhece naquele que apresenta-se como aparência. Portanto nega aquilo que é a sua própria negação, no caso o outro. Somente no momento em que adentra na essência desse mesmo objeto é que se faz consciente deste e, por extensão, consciente de si.

⁴De acordo com Hegel a tomada de consciência corresponde ao duplo movimento ou ao agir recíproco do Eu sobre o Outro e deste sobre aquele. Esse processo traduz-se na dupla negação do sujeito que se coloca em relação com o Outro e deste que se coloca em relação àquele (sujeito que interroga). Por isso a filosofia de Hegel sustenta-se sobre o princípio da dialética, ou seja, de acordo com seu entendimento todo objeto só pode ser conhecido na relação com o Outro (projeção). Por sua vez essa relação se produz pela mediação da negação recíproca entre um e outro (sujeito e objeto). Ou seja, todo objeto do conhecimento só se revela na negação que o Outro suscita ao sujeitá-lo à interrogação. Por assim, todo o objeto é portador de sua própria negação. Saber quem sou “Eu”, por exemplo, pressupõe saber quem é o “Outro” ou quem “Eu” não sou, o que no limite, em qualquer dos casos corresponde a negar a mim e o Outro.

⁵“No desenvolvimento da produção capitalista forma-se uma classe cada dia mais numerosa de trabalhadores que, graças à educação, tradição e costumes, suportam as exigências do regime tão espontaneamente como a mudança das estações”. (MARX, S/D, p. 64)

⁶“A produção não produziu somente o homem como uma *mercadoria*, a *mercadoria humana*, o homem sob a forma de *mercadoria*; de acordo com tal situação, produz ainda ele como ser *espiritual e fisicamente desumanizado*”. (MARX, 2003, p. 124)

⁷Para Marx a economia política (principalmente a vulgar) tivera papel relevante na efetivação desse fenômeno da sociedade burguesa definido por ele como ideologia. “*A economia política oculta a alienação na característica do trabalho enquanto não analisa a imediata relação entre o trabalhador (trabalho) e a produção*” (MARX, 2003, p. 113)

⁸“Nessa forma aparente que torna invisível a verdadeira relação e ostenta o oposto dela, repousam todas as noções jurídicas do assalariado e do capitalista, todas as mistificações do modo capitalista de produção, todas as suas ilusões de liberdade, todos os embustes apologeticos da economia vulgar” (MARX, S/D, 623).

⁹Distinção entre valor de uso e valor de troca desenvolvida por Marx é reveladora dessa redução do trabalho à condição de produto quantificável monetariamente e negociável como mercadoria. “Ao comprar a força de trabalho do operário e ao pagar o seu valor, o capitalista, como qualquer outro comprador, adquiriu o direito de se consumir ou usar a mercadoria comprada. Consome-se ou usa-se a força de trabalho de um homem fazendo-a trabalhar, tal como se consome ou usa a máquina fazendo-a funcionar.” (MARX, 1985, p. 49)

¹⁰A observação desse movimento de recusa por parte da classe submetida ao trabalho assalariado também fora de grande importância para Marx perceber que o modo de produção capitalista explora a força de trabalho do homem, ou transforma-os mercadoria, contudo, não o faz sem despertar um certo nível de resistência. Ou seja, mesmo na racionalidade capitalista o

homem não se torna completamente impedido de realizar trabalho. O movimento operário apresentara-se à Marx como uma forma clara de trabalho na particularidade do capital. Sendo assim ele descobriu que nessa matriz produtiva o homem tende a ser privado de sua condição natural de auto-realização, o que não significa dizer que isso se torna impossível. As obras de arte são outros exemplos disso, ainda que com todas as condições adversas o sujeito coletivo (artista) consegue materializar sua recusa ou seu estranhamento diante de um mundo em que a cada dia isso se torna mais difícil.

¹¹Segundo Lukacs não se tratava de má vontade. “Hegel não conseguiu chegar às forças verdadeiramente motrizes da história, porque na época em que nasceu o seu sistema, estas forças ainda não eram suficientemente visíveis; foi assim obrigado a ver nos povos e na sua consciência (...) Os portadores efetivos do desenvolvimento histórico. (...) Com o ponto de vista da classe do proletariado chegou-se a um ponto a partir do qual a totalidade se torna visível.” (LUKACS, 1974, p. 33-35)

¹²A elaboração dessa consciência real, mas falsa é condição de existência da matriz produtiva capitalista. O capital se assenta sobre a contradição. Necessita criar um consenso acerca da centralidade do trabalho, no caso, assalariado ou exploração da força de trabalho, contudo, ao mesmo tempo depende do impedimento da realização de qualquer possibilidade de trabalho, em sentido, ontológico (realização da condição humana).

¹³Para Marx o homem ao realizar trabalho projeta-se como ser coletivo, ou seja, total e eterno, portanto como humanidade. Por isso o ciclo (subjetivação/objetivação/subjetivação/ (trabalho) deve ser entendido como uma espiral com tendência de infinito. Ou seja, caso não fosse obstaculizado pela matriz produtiva que se materializa pela exploração da força de trabalho para a criação de mercadorias tenderia a conduzir os sujeitos a um nível de relações orientado exclusivamente pela vida comunitária ou pelo comunismo, ou seja, ou o mundo da ação política por excelência, do auto-governo, do governo de todos (democracia substantiva), da socialização de todos os meios de produção e banimento de qualquer tipo de propriedade privada. Isso não corresponderia à outra coisa senão ao comunismo ou a “(...) reintegração, ou o retorno do homem a si mesmo, como a eliminação da auto-alienação do homem (...)” (MARX, 2003, p. 139).

¹⁴É bem verdade que isso não significa a anulação total da capacidade de resistência ou a recusa do indivíduo ainda que sujeito. A decisão inicial dos primeiros operários fabris de destruir as máquinas, a recusa da continuidade do trabalho (greves), ou mais recentemente a execução do trabalho seguindo nos mínimos detalhes todas as determinações dos manuais de procedimento técnico (operação padrão), o que inviabiliza a celeridade do processo produtivo, são alguns poucos, mas emblemáticos exemplos de ações de resistência no interior da própria esfera produtiva formal.

¹⁵Uma concepção de ciência nascida das luzes das revoluções burguesas fragmentou o homem em ser de pensamento e ser de ação. Sob o primado da racionalidade produtiva do trabalho capitalista criou-se um ideal de ciência que afastou o homem comum do conhecimento científico. A este caberia no máximo executar aquilo que o ideário científico havia transformado em saber aplicado. Desse modo a relação teoria/prática acabou dissociando-se e constituindo-se um grande abismo. O homem de ciência ou de pensamento tornou-se o sujeito da teoria, enquanto os demais foram guindados à condição de atores da prática.

Recebido em: 11/03/2016

Aceito em: